

MATRIX E GEOGRAFIA: DAS ANALOGIAS À ONTOLOGIA¹

Humberto Goulart Guimarães² , Leonardo de Castro Ferreira³

Resumo

Os autores expressam através deste trabalho, a relação entre o filme Matrix e Geografia. A produção cinematográfica estadunidense *The Matrix* será explicada pelo viés crítico geográfico, no qual durante o texto as analogias irão sendo contextualmente apresentadas. Dando seguimento às analogias, um primeiro momento é dado com a exposição do Espaço Geográfico produzido pela Matrix, para tal, os autores dão cabo de explicações da chamada “Geografia Crítica”. No segundo momento emerge o que seria o viés *ontológico* da analogia Matrix-Geografia, propondo algumas maneiras de se conceber o espaço e a paisagem, para desvendar “o real” e, principalmente, para buscarmos o *ser da Matrix*, em busca de uma nova existência espacial. Esta é a ambição utópica de contribuir para expressão mental da terceira ilusão espacial: o espaço mental-concebido.

Palavras-chave: Analogia – Matrix-Geografia – Espaço – Paisagem – Ontologia.

Abstract

The authors express through this work, the relationship between the Matrix movie and Geography. The U.S. cinematographic production *The Matrix* will be explain to the critical geographic bias, in which during the text the analogies will be contextually presented. Following the analogies, a first time is given with the exposure of the geographical space produced by Matrix, for this, the authors give cable to explanations of the so-called "Critical Geography." In the second time emerge which would be the *ontological* bias of analogy Matrix-Geography, proposing some ways of conceiving the space and landscape, to unveil the "real" and mostly for seek the *Matrix being*, in search of a new spatial existence. This is the utopian ambition to contribute to the mental expression of third spatial illusion: the mental-designed space.

Keywords: Analogy , Matrix; Geography ; Space , Landscape , Ontology.

¹ Trabalho expandido a partir do ensaio apresentado no XV Encontro Nacional de Geógrafos (ENG-2008).

² Autor, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal Fluminense – UFF. Endereço eletrônico: hugoulart_5@yahoo.com.br.

³ Co-Autor, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal Fluminense – UFF. Endereço eletrônico: leocastro_f@yahoo.com.br.

1. Introdução à Analogia

Seria óbvio começarmos abordando diretamente a construção mental que temos sobre o filme e, principalmente, situando seu roteiro de maneira que busque elencar as principais analogias entre Matrix e Geografia. Mas, para esboçarmos a relevância deste ensaio, tomamos partido da relação construtiva entre ciência e ficção, sendo cabível nesse sentido a conotação *ficção-científica* para tal análise crítica.

O rico diálogo entre a ciência (no caso a Geografia) e outras formas de expressão de saberes (como o cinema), aumenta o escrutínio crítico acerca da *leitura do mundo*. Têm-se assim, diferentes matizes de *conceber a realidade*, estas formas de representá-la. Cabe então dizer que a percepção, ou “intuição” do real, seria a palavra-chave do conhecimento. Além de esboçar uma teoria de idéias próprias sobre a produção concreta de nosso mundo (o espaço-superfície como um todo), as formas de saber são amplamente subjetivas, ou seja, exploram sempre o âmbito sensorial de quem o analisa. Neste sentido é que se encontra a relevância deste “encontro de saberes”, já que não existe um “único saber”; mesmo que tenha um totalitarismo hegemônico em prol do *eurocentrismo*, no qual, o saber “institucionalizado” é o científico – a “religião” do século XX!

Deixando o pendor de senso comum “cientificamente correto”, este ensaio é *dialógico*, visando uma acepção que transcenda a idéia corrente de Espaço Geográfico. Para isto, buscaremos o rompimento com “o paradigma dominante”, com um modelo totalitário de racionalidade do pensamento que reside na ciência moderna (SOUZA SANTOS, 2002, p. 10) e *fetichiza* o senso comum. Este é o “caráter” da ciência moderna, aplicado, logo, à ficção. Surge uma ficção-científica altamente acrítica, não no seu sentido (óbvio no filme *The Matrix*), mas, no senso comum subjetivado de seus espectadores, que somente esperam lutas, tiros, efeitos especiais alucinantes e muita diversão. Não somente através da “matematização” de tudo (onde somente o que é matematizado se “enxerga” como científico, ou como saber), mas da banalização/negação de uma relevância social crítica nas maneiras de se assistir aos filmes (músicas, pinturas, danças, etc.).

Assim surge nossa forma de discurso sobre “essa coisa” que é o filme *The Matrix*. A *analogia* ficção-ciência, através do “maravilhoso confronto das semelhanças através do espaço” (FOUCAULT, 1996, p. 39).

Matrix significa segundo o hinduísmo⁴, o mesmo que as *três ilusões da realidade*

⁴. “Ma” no hinduísmo indica Maya, ilusão em sânscrito, e “Trix” três.

fenomênica (físico-psíquico-espiritual), que trataremos como as *três expressões espaciais da pseudoconcreticidade* (o físico, o social e o mental), fazendo uma interseção de idéias entre K. Kosik (1995) e H. Lefebvre (2006). Estas “pseudoconcreticidades” ocultam “o real”, ou a *realidade concreta*, como ela é. Este é o motivo, de as relações do filme apresentarem-se como “tridimensionais”: a personagem *Trinit* (que inicia o filme provocando e questionando *Neo*), a *trilogia* do filme (em duas outras versões: *Matrix Reloaded* e *Matrix Revolution*) e, principalmente, os três momentos do personagem *Neo* (a primeira escolha; o renascimento; a apreensão do sentido do “real”).

Esta produção estadunidense se enrola num duplo espaço-tempo. O espaço-tempo do real, que ocorre por volta do ano de 2200 (o das máquinas) e o espaço-tempo virtual elaborado pela *matrix*, cuja data é de 1999. O mundo virtual então é uma farsa criada pelas máquinas após a emergência da IA (Inteligência Artificial) produzida pela indústria humana; o mundo real é o das máquinas (ou melhor, “o deserto do real”). Um mundo criado pelas máquinas e para as máquinas, no qual os humanos se encontram como escravos, cultivados no para-si das máquinas (os “campos de cultivar pessoas”).

Neo, o sujeito-protagonista, ou melhor, Thomas A. Anderson como é visto no espaço-tempo virtual da *Matrix*, é um sujeito em constante inquietação com sua condição humana. Hacker nas horas vagas entre seu trabalho na corporação MetaCortex (uma “gigante” empresa de softwares), ele assume o nome fictício *Neo* para esta sua personalidade subversiva. E por este motivo que o grupo terrorista (revolucionários), liderado por *Morpheus*, busca *Neo* e lhe propõe a *escolha* (fato comum no desenrolar do filme, as escolhas do personagem *Neo*): tomando a *pílula azul* continuará em sua vida alienada, com seu trabalho estranhado vivendo na “pseudoconcreticidade do real”; tomando a *pílula vermelha* irá conhecer a “verdade do Real” e conseqüentemente o motivo de sua *existência*, revelando a “outra dimensão” da sua vida, que o levará a apreender o “deserto do real”. Mas *Morpheus* exclama: “uma vez escolhida a *pílula vermelha*, não tem volta”!

Deste modo surge a primeira analogia entre o filme e a Geografia: exatamente através da *pílula vermelha*. Assim como *Neo* que a escolheu, num caminho sem volta, fomos nós em relação à Geografia, como teoria socioespacial crítica da realidade, logo, a Geografia foi nossa *pílula vermelha*!

Partindo do renascimento, nosso e de *Neo*, é que surge o “conhecimento” da *Matrix* e, principalmente, o motivo da luta do grupo revolucionário e rebelde deste sistema (o grupo de *Morpheus*). Acontece então o primeiro par do filme: a primeira escolha-renascimento. Buscaremos então a apreensão do sentido do Real. Exporemos o pensamento crítico que a

Geografia nos proporcionou, “que destrói a pseudoconcreticidade para atingir a concreticidade”, sendo “um processo no curso do qual sob o mundo da aparência se desvenda o mundo real” (KOSIK, *op. cit.*, p. 20).

2. Matrix e Geografia: sob o Espaço Geográfico

Logo após a primeira escolha, surge de imediato a colocação de *Morpheus*: “*Matrix* está em todo lugar”! Podemos conceber que assim como a *Matrix*, “a geografia está em toda parte” (COSGROVE, 2004, p. 93), ou melhor, a Geografia reproduzida pelo *Sistema Matrix* abarca a totalidade espaço-temporal. Esta totalidade pode ser percebida através do que a Geografia dita “radical-crítica” busca apreender através da acepção de Espaço Geográfico, o processo de re-produção do Espaço Geográfico e conseqüentemente do espaço produzido pelo *Sistema Matrix*. Logo, ele está em *todo o lugar*. Para dialogarmos então, buscamos no duplo essência-aparência distinguirmos as duas “esferas” reproduzidas pelo Espaço Geográfico da *Matrix*. A aparência é um mundo criado ao modo de uma *expressão espacial da pseudoconcreticidade* que serve para ocultar “o Real”. Este é o “fetichismo do espaço” (ANDERSON, 1977, p. 46) produzido e imposto pelo *Sistema Matrix*, no qual os objetos encontrados nesse mundo de farsa (virtual) são totalmente amoldados por instâncias e arranjos sistematicamente impostos. Este espaço-tempo aparente é uma realidade imposta, “amoldada pela ideologia” (SANTOS, 2004, p. 35), pelos arranjos (*Agentes*) espaciais da *Matrix*.

Concebemos então como *Espaço Aparente* esta pseudoconcreticidade imposta ao nosso campo sensório, àquilo que nós podemos-e-devemos “ver”! Este mundo aparenta ser um mundo da liberdade. Porém é um mero simulacro do Real, no qual homens e mulheres estão imersos e, o que emerge é um mundo posto aos nossos olhos como fábula. Este é o caráter que nos fazem apreender da *globalização*, o espaço produzido pela *Matrix* abarca no filme todo lugar e, no nosso mundo-vivido busca mais e mais este ato desenfreado. “O mundo tal qual nos fazem crer”, globalizado e visto como fábula, a busca de uma homogeneidade do planeta onde tudo será “uniforme” (SANTOS, 2006b, pp. 18-19). *Neo* em um momento do filme nos remete a este entendimento, no qual é exaltado: “Eu comia ali”, arrematando, “tenho essas lembranças de minha vida e nenhuma delas aconteceu”. Isto se torna claro se utilizarmos o exemplo prático de sua situação no filme: esta sua observação de dentro de um automóvel; o Objeto-Rei, a Coisa-Piloto segundo Lefebvre (1991, p. 110)! Um dos maiores signos da globalização como fábula. Como diria Santos (2006a, p. 66) “com o veículo

individual, o homem se imagina mais plenamente realizado, assim respondendo às demandas de *status* e do narcisismo, característico da era pós-moderna”.

E a *Globalização como Fábula* nos impõe como *pseudoconcreticidade* o modelo de “sociedade burocrática de consumo dirigido” (LEFEBVRE, 1991, p. 77), onde o *ter* ultrapassa o *ser*. Mulheres e homens da *Matrix* vivem sob esta conformação de um *Espaço Aparente* calcado no egoísmo, na moda universalizante e “manivela do consumo” (SANTOS, 2007, p. 49), produzindo este “consumidor mais-que-perfeito”. Para materializar a pseudoconcreticidade deve se demonstrar organização espacial. Para tal é que surgem seus *Arranjos Espaciais*. Estes arranjos funcionam como “mecanismos de ordenamentos determinados”, localizando e distribuindo seus elementos específicos (de cada arranjo) de maneira sistemática (MOREIRA, 2006b, pp. 50-52). Temos então três relações superiores de arranjos espaciais⁵: 1) o arranjo jurídico-político; 2) o arranjo ideológico-cultural; e 3) o *arranjo econômico-social*. Os dois primeiros arranjos dão cabo de disciplinarizar e naturalizar o *Espaço Aparente que comporta a Globalização como fábula*, seria a base do “programa” *Matrix*; manter todas as pessoas *alienadas do Real*.

No programa *Matrix*, que simula o Real, as pessoas e objetos são apenas frutos de *memórias protéticas*.⁶ O mundo criado pelo domínio inteligente das máquinas (IA) é simulado, digital e constituído de zero e um (0-1), um *mundo binário*, que visa proteticamente suprimir o espaço-tempo Real. A analogia se dá entre o *mundo binário* (0-1) do programa *Matrix* e a dupla de arranjos espaciais do nosso mundo: *jurídico-político/ideológico-cultural*. Forma-se então a expressão espacial da pseudoconcreticidade, o *arranjo espacial superestrutural*.

Os arranjos espaciais localizam-distribuem dadas instâncias que possuem duas formas claras. A primeira relacionada ao primeiro par: a esfera ideológico-cultural, que seria dos AIE (Aparelhos Ideológicos de Estado). Este “Aparelho” é análogo na *Matrix*, principalmente ao *Oráculo*, representado por uma mulher que prevê e descreve tudo. Este é o papel em “nossa realidade” do que vai, desde o AIE religioso até as mais vastas expressões culturais⁷. A segunda forma e instância deste “arranjo binário” são os ARE (Aparelhos Repressivos ou *Coercitivos* de Estado). Observamos as formas da manifestação na *Matrix* destes “Aparelhos” através dos *Agentes*. Estes são uma espécie de super-homens, e padronizados que visam a todo o momento acabar com qualquer humano que saia das “normas” do *Sistema Matrix*. Os

⁵. Ver Moreira (1987 e 2007) para análises dos arranjos espaciais.

⁶. Aparelhos que suprimem a função natural das pessoas e objetos.

⁷. São os AIE: religioso; escolar; familiar; jurídico; político; sindical; de informação; e, cultural (ALTHUSSER, s.d., pp. 43-44).

Agentes podem ser apreendidos como sendo o exército, a polícia, os tribunais, as prisões etc., visando *disciplinar* de todas as formas as “anomalias da saúde do *Sistema*”, pois, são *programas sencientes*, que percebem qualquer coisa através de seus sentidos de regras e normas. Seu principal membro é o *Agente Smith*, na nossa acepção, o próprio *Estado*. Dois momentos que ratificam esta análise são, no começo do filme, quando *Smith* interroga *Neo* sobre seus “desvios de personalidade”. Na sua fala *Smith* explicita que: ele escolhe a sua vida *respeitosa* às leis do *Sistema* ou a sua *existência que infringe as leis da Matrix*, no qual uma dessas vidas tem futuro, a outra não. O segundo momento é quando *Smith* captura *Morpheus*. E na sua conversa com o líder dos “rebeldes” surge a constatação de que o *Agente Smith* é escravo da *Matrix* tanto quanto o ser-humano, programado somente para a finalidade de disciplinarizar o “mundo virtual”. Até que no diálogo com *Morpheus*, o *Agente* exclama: “eu preciso sair daqui, eu preciso me libertar”! Isto prova que todos os *Agentes*, todo o ARE (até o Estado) também é escravo do *Espaço Aparente*, pois, depende de seu conjunto de normas para continuar existindo como ele é.

Após a primeira escolha-renascimento, temos a busca pela “apreensão do Real”. Desta forma é que seremos guiados, para respondermos à pergunta: o que é o Real? Na busca de expor para *Neo* o que seria esse Real, *Morpheus* lhe diz: “infelizmente, é impossível dizer o que é a *Matrix*, você tem de ver por si mesmo”. É desta forma que nos apoiamos nos argumentos de Kosik (*op. cit.*, p. 13) no qual “a realidade não se apresenta aos homens, à primeira vista”, a *compreensão* das coisas e da realidade é a unidade do fenômeno e da essência. Ora, é em busca da explicação do que é o Real, que nós e *Neo*, partimos através da passagem do mundo da aparência para o mundo real; do *Espaço Aparente do Sistema Matrix* para o *Espaço “Deserto” do Real*. No enredo mitológico de *Matrix*, o objetivo das Máquinas ao escravizarem mulheres e homens é transformá-los em “fonte de energia”, tendo em vista que, com o cataclismo nuclear, abateu-se sobre a Terra a *Total Escuridão*. Desta forma, como as “máquinas” precisavam de fonte elétrica para continuar existindo, buscaram escravizar os humanos para gerar esta energia. É desta forma que cada vez mais humanos são “cultivados” em *campos*, onde *Matrix* representa apenas um “mundo de sonhos” gerado e reproduzido para *controlar*; para *transformar* todos os seres humanos pura e simplesmente em *Bateria*! Desta forma a realidade das “máquinas” é o *Espaço “Deserto” do Real*.

O *Espaço “Deserto” do Real* seria o “terceiro” arranjo espacial que compõe o ordenamento, a distribuição e localização, só que neste momento para a instância *econômico-social*. Tal arranjo articula as forças produtivas com as relações econômicas. Este “chão” que arrola todo este complexo se articula como “O Espaço Racional”, a “substituição do governo

de homens por um governo de coisas”, estes “espaços da racionalidade funcionam como um mecanismo regulado, onde cada peça convoca as demais a se pôr em movimento, a partir do comando centralizado” (SANTOS, 2006a, p. 301). Assim esse Espaço Racional é o *Espaço do-para o Capital*. As IA (“Máquinas”): estas são donos dos meios de produção, que concentram “capitais” e dominam o mundo sobre a ordem do *Espaço do-para o Capital*. O espaço por eles reproduzido engendra uma lógica competitiva entre si, dominando o motor único da instância econômico-social em todo o planeta.

O objetivo das “Máquinas”: tornar o ser-social-homem em *homem-que-trabalha*, logo, escravo do trabalho! Esse é o “trabalho alienado”, transformado em “alienação universal”, no qual os seres humanos tornaram-se progressivamente mais alienados. Esta “alienação universal” é comprovada nas acepções de Marx (2007, p. 23), onde “o trabalho é externo ao trabalhador, não faz parte de sua natureza, e por conseguinte, ele não se realiza em seu trabalho mas nega a si mesmo”, e complementa, “por fim, o caráter exteriorizado do trabalho para o trabalhador é demonstrado por não ser o trabalho dele mesmo, mas trabalho para outrem, por no trabalho ele não pertencer a si mesmo mas sim a outra pessoa”. *A Fonte de energia humana* fica clara como sendo a força-de-trabalho, ou a “mercadoria” do homem-que-trabalha, vendendo-a no caso, para os empresários donos dos meios de produção e logo, da sua força-de-trabalho. Cria-se o ciclo vicioso no qual “dentro do sistema do salariado, o valor da força de trabalho se fixa como o de outra mercadoria qualquer” (MARX, 1963, p. 48). Deste modo, a força-de-trabalho é o trabalhador mercadoria e *escravo do trabalho e dos donos dos meios de produção*.

A Base existencial das “Máquinas” é princípio da existência de toda esta lógica. *A extração da força-de-trabalho e de mais-valia*. A “mais-valia depende da diferença entre aquilo que o trabalhador obtém (o valor da força de trabalho) e aquilo que o trabalhador cria (o valor da mercadoria produzida)” (HARVEY, 2006, p. 149). É o sentido do sistema, o que caracteriza a *mecânica do mundo do capital*, a expressão da fórmula geral do capital o D-M-D’ (no qual D é o dinheiro e M a mercadoria, sendo D’ o mais-dinheiro). O sustentáculo do “ciclo vicioso” que transforma dinheiro em capital. *A busca geral da “escravidão”* encontra-se implícita e unifica todo o processo, ou melhor, a globalização como processo. Seria a busca das Empresas Globais de reproduzir e ampliar cada vez mais seu domínio e sua concentração através do que Santos (2006b, p. 19-20) tratou como “a globalização como perversidade”. “A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade”, este constante processo de globalização que gera “a produção de diferença geográfica”

(HARVEY, 2006, p. 107) desenfreada, concentrando cada vez mais nos donos dos meios de produção, hoje as Empresas Globais.

Esta é a configuração análoga entre *Sistema “Matrix” de Produção e o Modo de Produção Capitalista*. O que tivemos de ver como *Neo* com os próprios “olhos”, a lógica brutal e “deserta” do Real, que escraviza o mundo e a vida de mulheres e homens “alienados universalmente”, totalmente estranhos à sua natureza, somente voltado para os interesses das “Máquinas” (Empresas Globais dos donos dos Meios de Produção), em toda a escala global. Como expõe Harvey (1980, p. 168) “o conceito de modo de produção não é fácil de compreender”. Ele é visto na teoria *marxiana*, como um modo de “garantir a sobrevivência da sociedade”, no qual os homens são forçados a travar relações sociais entre si (*ibid.*, p. 169). Fazendo a ligação destes fatores com o *Capitalismo*, temos que seu modo de produção é baseado por uma lógica interna de acumulação e de domínio dos meios de produção na mão dos *donos dos meios de produção*, buscando a perpetuação cíclica da *produção propriamente dita-circulação-distribuição-consumo*.⁸

A Geografia buscando compreender o espaço utiliza-se do método *materialista histórico dialético*. Nesta busca de uma “Geografia social crítica”⁹ é que surge o “casamento” entre a Geografia e o materialismo histórico dialético, uma linha de argumentação que “baseia-se amplamente numa concepção de dialética concretizada” na abordagem tratada como “materialismo histórico-geográfico” (HARVEY, 2006, p. 30). Em meio a este processo é que emerge o Espaço Geográfico, com acepção de *espaço criado*, “princípio dominante de organização geográfica” (HARVEY, 1980, p. 267) ou *espaço produzido*, “a concepção do espaço como produto social” (LEFEBVRE, 2006, p. 4). Vai se conformando o caminho que engendra uma “Geografia Crítica” do espaço geográfico produzido ao modo de produção capitalista, no qual “tudo o que é um resultado da produção é também uma pré-condição da produção” (MARX *apud.* SANTOS, 1982, p. 138). Fazemos então o retorno ao *espaço geográfico socialmente produzido*, onde o método do “materialismo hitórico-geográfico” irá buscar apreender em sua “totalidade concreta”. Ficam ainda as questões: afinal, quem controla a *Matrix*? Quem a produziu nessa *condição de ser*?

Não são respondidas somente pelo *espaço social*, pois dá cabo apenas das duas primeiras *ilusões da Matrix*. Cabe agora desvendar a terceira! Partindo então para o segundo

⁸. Esta é a base de analogia clara expressa entre *Matrix/Capitalismo*, ambos com realidades próprias (a sua materialidade) dominadas por um grupo (“Máquinas” e Donos dos Meios de Produção), escravizando os seres humanos (homens-que-trabalham) que vivem em um “mundo aparente”, a *vida cotidiana*.

⁹. Ver melhor em Soja (1993): “Espacializações: a geografia marxista e a teoria social crítica” in: *Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*.

duplo composto: *o renascimento-apreensão do sentido do “real”*. Buscaremos uma análise ontológica da Matrix pela Geografia.

3. Ontologia: em busca da Existência Espacial da Matrix

Antes de mostrarmos, qual a relação entre o *ser da Matrix e o terceiro mundo possível*, esta indagação ontológica sobre a existência espacial da Matrix, cabe brevemente explicitar algumas premissas, que julguem a impossibilidade do espaço geográfico (tal como é concebido) de desvendar e *eliminar* a reprodução do *Sistema Matrix* – Modo de Produção Capitalista. Através do processo de aceção do *espaço*, podemos ver que, e somente que, a dupla *físico-social* deste foi apreendida. Falta ainda o *mental* (concebido)!

É nesse sentido que as duas aceções de espaço, absoluto e relativo se apresentam. Com origem nas ciências físicas e na filosofia, vão se conformando em dois momentos como *paradigmas dominantes do espaço concebido*. O primeiro deles é o *espaço absoluto*. Esta concepção de Newton, que seria um dos postulados da “mecânica newtoniana”, expressa o espaço como “uma entidade completamente independente, existindo separada da matéria” (SMITH, 1988, p. 111). O mundo então é estático a flutuar num espaço vazio, que irá conceber uma totalidade mecanicista, a idéia de mundo-máquina (SOUZA SANTOS, *op. cit.*, p. 17). Este espaço absoluto passa a ser visto como algo *em-si mesmo*, com caráter “isotrópico” ou infinito, que será assimilado e perpassado para a Geografia, advindo das interpretações de Kant (2001).

Em seu livro “Crítica da Razão Pura”, Kant faz sua *exposição metafísica do conceito de espaço*. Sendo que, “a exposição é *metafísica* quando contém o que representa o conceito enquanto dado *a priori*” (KANT, 2001, p. 90), representando o que seria para o mesmo, uma “grandeza infinita dada” e, possuindo assim uma razão cartesiana, geométrica tridimensional do espaço. Este seria o *espaço físico*, que viria a ser apropriado pelo modo de produção capitalista para ser criado e reproduzido socialmente, e concomitantemente, “habitar” a concepção de espaço no senso comum. Todos ainda concebem, hoje, o espaço como vácuo, receptáculo universal no qual objetos existem e relações ocorrem; a visão mais “acrítica” possível sobre o espaço. Um conceito advindo da mecânica newtoniana, como paradigma dominante das ciências físicas, que seria abstraído para a Geografia via da leitura incompleta da obra de Kant, em sua exposição metafísica do espaço.

Como dissemos este espaço físico (absoluto), será apropriado pelo capitalismo enquanto modo de produção hegemônico, assim como o *sistema Matrix* o fez com o mundo

exposto no filme. Neste sentido surge um *novo paradigma*, que irá permear as ciências físicas e como no outro momento irá ser apropriado pelo *discurso geográfico de espaço*. A base encontra-se na mecânica quântica de Einstein. Seu rompimento com os postulados newtonianos expressam-se sob duas bases: a *relatividade* e a *simultaneidade*. Seria a distinção de acontecimentos presentes no mesmo lugar e a simultaneidade dos acontecimentos distantes (SOUZA SANTOS, *op. cit.*, p. 24). Esta “relativização do espaço” no campo da astrofísica seria perpassada para as acepções de espaço na Geografia, onde irá surgir a idéia de espaço produzido socialmente. E, este “produzir o espaço social é produzir socialmente o espaço enquanto manifestação do natural na concepção física” (SILVA, 1991, p. 34), que se “casa” perfeitamente com o espaço da teoria geral da relatividade, com “a vitória do espaço relativo sobre o espaço absoluto”, um “espaço-tempo tetra-dimensional” (SMITH, *op. cit.*, pp. 116-117).

Esta passagem é a característica basilar do espaço concebido pela Geografia, “entendido como uma relação *entre* objetos, a qual existe somente porque os objetos existem e se relacionam” (HARVEY, 1980, pp. 4-5), que se expressa na análise da organização do espaço, no qual *este espaço geográfico* é manifestadamente físico.

Soja (1993) e Moreira (2007) irão expor isto com duas passagens cruciais. O primeiro expondo que “o espaço socialmente produzido é uma estrutura criada”, uma “segunda natureza que se transforma no sujeito e no objeto geográficos da análise histórica materialista, de uma interpretação materialista da espacialidade” (SOJA, 1993, pp. 101-102). O segundo explicita que “o espaço geográfico é um espaço produzido”, sendo a natureza parte integrante e condição concreta da sua produção social, “conquanto a ‘primeira natureza’ não seja o espaço geográfico, não existe espaço geográfico sem ela” (MOREIRA, 2007, pp. 64-65).

Podemos perceber que conjuntamente com as acepções de espaço, mudam as relações da Geografia com seu objeto. Mas, com essa visão não desvendamos, ainda, o *terceiro espaço* (mundo), somente o segundo, que é o espaço das máquinas, ou o Espaço “Deserto” do Real (o Espaço do-para Capital). Conseqüente a isto, não temos a mínima noção de qual seria o *ser criador da Matrix* e de sua condição de *existência* (nesse caso *ser* enquanto *ente*)! Realmente, com a dualidade físico-social, o *espaço geográfico* se encontra aprisionado no *espaço relativo* (que se expressa e reproduz com a materialidade do absoluto), não conseguindo superar as contradições do seu modo de produção (Capitalismo ou o *Sistema Matrix*). O *espaço mental* (concebido) é que deve ser desvendado, pois será a partir deste que revelaremos o *terceiro espaço*, mas para tal, devemos apreender quem é o *ser que concebe e produz* este espaço

geográfico. Neste sentido é que cabe o entendimento do que seria o *espaço relativo* de Harvey. Este será o “ponto de partida”.

Segundo Harvey (1980, p. 5) o espaço relacional deve ser tomado “como estando contido *em* objetos, no sentido de que um objeto existe somente na medida que contém e representa dentro de si próprio relações com outros objetos”, ou melhor, que cada elemento reflete dentro de si todas as características da totalidade, dado que ele é o *lugar* das relações na totalidade espaço-temporal. Assim como Silva (1982) contesta-se a afirmação de que corpos ocupam lugar no espaço, pois, são eles também manifestações materiais do espaço. Esta é a modificação necessária do *espaço mental* (concebido). Da dicotomia absoluto-relativo que, aprisiona mulheres e homens num espaço produzido, para e pelo *Sistema Matrix* (Capitalismo), passa-se para o espaço relacional que desvendará quem é o *ser da Matrix*, logo quem controla as máquinas! Este *Espaço Ontológico* desvendará o ser-espacial, a existência espacial do ente produtor da Matrix. Este *ser da Matrix* será revelado e renovado para a produção de um terceiro espaço possível em nosso mundo. O conceito abstrato de espaço é que se revela como fundamento do *ser e de como vemos a “realidade”*.

Com o espaço relativo contendo-contido como uma *totalidade concebida*, o espaço ontológico fica claro: o ente da *Matrix* que produziu e controla o mundo das máquinas é o próprio *ser-humano*! A *práxis espacial fetichizada do homem*, com seu mundo de representações próprias, as *subjetividades*. Este *Espaço “Deserto” do Real* é produto da “*práxis social da humanidade*” (KOSIK, *op. cit.*, p. 21), que cria um mundo virtual através de um cotidiano utilitário, reproduzindo o *Espaço Aparente*, no qual mulheres e homens são somente “auto-imagem residual”. Esta constatação fica explícita quando no diálogo entre *Morpheus e Smith*, o segundo (o qual concebemos como o “Estado”), exclama que “os seres humanos são uma doença. Um câncer neste planeta”! Fica claro que o controlador das máquinas, o Oráculo, os “Agentes”¹⁰, *Neo* e principalmente o “Arquiteto da *Matrix*” é o próprio homem, um vírus para si próprio, uma “*práxis como processo ontocriativo*” (*ibid.*, p. 226) do ser-estar-existir espacial, pois o espaço-mundo-do-homem só existe porque o homem existe.

E este é o processo ontocriativo, a aceção de que homem-espaço são *entes compostos*, uma mesma existência pertencente a um mesmo ente que existe, o próprio *homem*. Ser-

¹⁰. Para este tem-se uma prova clara, no qual cada pessoa ainda sem entendimento de seu *ser*, ora, de seu domínio existencial pela *Matrix*, é um “Agente em potencial”, podendo manifestar os “Agentes do Sistema” em cada ato auto-regulado, o caráter oniôntico dos Agentes. Nesse sentido é que o Estado transfere poder de vigilância a todas as pessoas para garantir a ordem dos espaços normatizados. Somos, por isso, auto-regulados (por nós mesmos) e oniônticos, presentes em qualquer espaço da existência humana.

humano-espacial, porque se autoproduziu, criador e criatura a um só tempo! A existência como relação entre o existente e ela própria ou, “o surgimento de um existente na existência” (LÉVINAS, 1998, p. 37).

Esse é um movimento complexo de inter-relações criadoras e incessantes, onde o ser-humano, (re)produtor dos objetos, logo do espaço, criador e criatura em um só tempo, no qual o espaço condicionado reage e se torna condicionante, servindo de motor propulsor e força balizadora para estímulos comportamentais, gerador de novas necessidades. Deste modo, a relação homem-espaço se coloca num outro plano, partindo do *princípio hologramático*, ou seja, o homem faz parte do espaço e o espaço faz parte do homem, o homem deixa de apenas estar e pensar no/o espaço e passa a ser-o-espaço. O espaço-como-ser em constante processo de *auto-poiesis*, no qual “a existência humana é algo feito pelo próprio homem” (MOREIRA, 2007, p. 175). Nesse sentido, “o espaço surge da relação de ambientalidade”, sendo “antes de tudo uma práxis”, fazendo “o homem sentir-se no mundo e sentir o mundo como mundo-do-homem” (MOREIRA, 2006a, pp. 168-169).

Perpassando para outro foco, o *Sistema Matrix*, utiliza a todo instante a *imagem*, e sabemos que vivemos num período no qual a imagem nunca exerceu tanto poder, e que as mercadorias se constituem cada vez mais em imagens e bens imateriais. Mesmo as coisas mais materiais apelam para a imagem e nunca o setor de serviços cresceu tanto, logo, o homem está *terceirizando o seu ser* e lançando mão da sua autonomia de fazer. Dentro da *Matrix* os sistemas de signos, gerados virtualmente, tem por objetivo aprisionar a individualidade das pessoas fazendo com que elas desempenhem um padrão comportamental compatível com a normatização dos espaços produzidos por ela. Dessa forma, o *Sistema Matrix* busca extinguir os sentimentos e emoções por sensações pré-programadas (a “auto-imagem residual”). Os seres humanos são produzidos em linhas de montagem, e condicionados a aceitar uma série de dogmas sociais, seguindo as normas como num espaço “isotrópico” (o *espaço absoluto*). São padronizados e, no entanto, continuam presos à dogmas, embora estes mudem de uma sociedade para outra, sendo atribuídos de formas diferentes: por um lado, por meio da educação e, por outro, pelo *condicionamento hipnópédico* ou, o “adestramento”.

As imagens como mercadorias produzidas pela *Matrix*, que na verdade buscam uma padronização na diferenciação, são permitidas por uma flexibilidade forjada pelo sistema, dando a sensação de liberdade e/ou de estar contra o *Sistema*, mas que na realidade já é previsto pela *Matrix*, e faz parte do circuito de acumulação e manipulação. Consumir uma imagem, ou signo, que se adapta ao seu gosto não é uma vitória da individualidade como pode

parecer, no qual a aquisição destas imagens, “se torna um elemento singularmente importante na auto-apresentação nos mercados de trabalho e, por extensão”, passando a ser parte do que integra a busca de identidade individual, “auto-realização e significado na vida. Sinais divertidos, mas tristes desse tipo de busca são abundantes” (HARVEY, 1989, p.260). A *Matrix*, virtualmente promove a sensação de liberdade e da auto-realização, via de uma busca através do consumo ampliando-se a alienação e a escravidão pelo sistema. Nesse sentido, quando após a traição de *Cypher* para com os outros rebeldes, o “Agente” *Smith* encontra-o num restaurante onde se estabelece um diálogo acerca do poder da imagem. Ao perguntar a *Cypher*, e o porquê da traição se ele sabia da realidade, *Smith* tem como resposta: “Estou cansado desta guerra, cansado de lutar, cansado deste barco, de sentir frio, de comer a mesma gororoba todo dia”; e complementa: “Eu acho que *Matrix* pode ser mais real que este mundo”. Até mesmo muitos movimentos contra-hegemônicos ou que assim se dizem são condições e *condicionantes criativos* da própria *Matrix*. Produz o seu próprio vírus que está em controle, logo é a hegemonia produzindo contra-hegemonia. Logo, *Neo* é uma “brecha” como *condicionante criativo* do *Sistema Matrix*, um vírus que fugiu ao controle, porém inerente ao próprio sistema, que é acionado pela *subjetividade* do indivíduo.

Reconhecendo que o mundo é tecido por meio de códigos e signos que compõem representações, e admitindo que estas não são únicas e somente hegemônicas podendo ser apreendidas e re-significadas de diferentes formas pelos *seres sociais*, assim como afirmamos a necessidade de discutirmos a *ontologia do espaço*, pretendemos discutir a necessidade de *reconsiderarmos a paisagem-do-ser* sem a pretensão de esgotarmos por aqui o assunto e/ou estabelecermos um axioma. Do mesmo modo que compreendemos o ser social homem *como espaço*, entendemos que deve se teorizar a respeito de uma noção de paisagem que *inclua* o homem em um só tempo como instituinte e constituinte. Transcender o aparente para chegarmos à essência, ou seja, desvendar o *Espaço Aparente do Sistema Matrix*, pressupõe, abandonarmos concepções de conceitos que não permitam grandes avanços. Portanto, a idéia de paisagem que aqui discutiremos não contempla a noção do senso-comum, no sentido de que a paisagem é sinônimo de um “recorte natural” visível na superfície terrestre, ou, na acepção de que ela é o *concreto visível*, ou seja, todas as infra-estruturas abarcadas pela visão do observador, dessa forma se inclui os elementos naturais e as próteses sociais. A paisagem por nós concebida não é passiva, neutra e imobilizada!

É preciso reapreender, portanto, a *relação forma e sentido, significado e significante*, logo lançamos mão do conceito de *paisagem semiótica*. Raffestin relacionando a ossatura do território com sistemas sêmicos, expondo a importante contribuição que pode ser ajustada ao

nível da paisagem, no sentido de que “é por esses sistemas sêmicos que se realizam as objetivações do espaço, que são processos sociais”. Precisamos então, “compreender que o espaço representado é uma relação e que suas propriedades são reveladas por meio de códigos e de sistemas sêmicos”. No qual, O “sistema sêmico é marcado por toda uma infra-estrutura, pelas forças de trabalho e pelas relações de produção, em suma, pelos modos de produção”. (RAFFESTIN, 1980, p. 144-145).

Sendo assim, a paisagem semiótica é composta pela tríade: *intencionalidade-imagem-poder*. Parte do abstrato ao concreto em sua codificação, e do concreto ao abstrato em sua decodificação pelos seres sociais como sujeitos; todos nós produzimos representações, sobretudo porque estamos inscritos numa cultura espaço-temporalmente referenciada, porém, é certo que as representações hegemônicas são conduzidas e “criadas”¹¹ por/para as “Máquinas” que estão à frente do *Sistema Matrix de Produção*.

Nas últimas décadas importantes contribuições acerca da paisagem foram desenvolvidas. Para Cosgrove & Jackson (2000, p. 18) a paisagem é considerada uma forma especial de dar significados, estruturar e compor o mundo externo, “cuja história é entendida em relação à apropriação material da terra”. Já Berque possui importante contribuição no entendimento da paisagem como simbologia, para ele a paisagem é objetiva, pois, possui base material e ao mesmo tempo subjetiva porque evoca o imaginário. “A paisagem é uma marca, pois ela expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação” (BERQUE, 1998, pp. 84-85). Apesar de compartilharmos com as idéias destes autores que citamos, achamos necessária uma extensão da *paisagem que atribua ao homem um papel central*.

Harvey (1992) baseado em Lefebvre que coloca as práticas espaciais no plano da ação e do movimento contínuo atribuindo a elas além da dimensão vivida, a percebida e a imaginada, constrói um raciocínio acerca das mesmas. Para ele as “representações do espaço compreendem todos os signos e significações que permitem falar sobre as práticas materiais e compreendê-las”, além disso, os “espaços de representação são invenções mentais” tais como: “códigos, signos, “discursos espaciais”, *paisagens imaginárias* e até construções materiais como espaços simbólicos” (ambientes particulares construídos, pinturas, museus etc.) “que imaginam novos sentidos ou possibilidades para práticas espaciais” (HARVEY, 1992, p. 201).

Em seu discurso sobre a produção do espaço, Harvey lança mão de palavras como representações, discursos espaciais e até mesmo *paisagens imaginárias*, indicativos de

¹¹. A expressão entendida num duplo sentido, na medida em que em um só tempo surgem e servem a quem as produz.

atributos cognoscíveis e subjetivados, que se remetem a posição do sujeito. Toda paisagem é imaginária, umas em potência, outras em ato porque, em última instância, sempre remetem ao imaginário do ser-humano. A paisagem estritamente imaginária seria aquela em que está no espaço mental do homem e não se realizou, não transcendeu a imaginação. Mas mesmo paisagens materializadas são imaginárias, pelo menos em sua concepção seja uma construção coletiva ou individual. Quando Harvey fala em “construções materiais como espaços simbólicos” e neles inclui ambientes particulares construídos, pinturas e museus, está falando de paisagens imaginárias que se realizaram materialmente. O “ambiente” particular e a pintura são construções individuais e o museu uma construção que preserva a memória coletiva. Mas nada disso impede que paisagens imaginárias em ato possam ser re-significadas pelo indivíduo e continuar estritamente no plano mental, reconvertidas em potência.

Desta forma, a paisagem (representações do espaço) é constituída de signos e significações, invenções mentais que se realizam como imaginação, dotada de *subjetividade* e que projeta possibilidades de novas realizações, um *processo de vir-a-ser*, num movimento da existência em seu aspecto *subjetivo*.

É fatídico que os homens produzem a todos instantes paisagens e representações sejam coletivas ou individuais, como produtores também devem ser colocados como produto, logo paisagem. Desta forma, ela se revela como o *discurso do corpo* configurando, na realidade, uma *auto-paisagem* que não pode ser despercebida espacialmente pelo ser. Instaura-se pela busca da auto-realização como paisagem e da auto-produção espacial, do constante processo de re-significação da existência-espacial e, principalmente na construção de estratégias de articulação e acesso em diferentes meios.

Em síntese, paisagem é um conjunto de elementos materialmente visíveis, codificados através de sistemas sêmicos (relação material-subjetivo), que através de *exercício hermenêutico* pode ser decodificado e apreendido em sua real forma, em sua forma invisível. Sendo os homens, seres organizadores da relação material-subjetivo, sabe-se que a constituição da paisagem segue projetos distintos, logo a paisagem é antes de mais nada intencional e dinâmica. Acrescenta-se ainda que o corpo-do-homem, *auto-paisagem* é sua chave de acesso, composta sucessiva e/ou simultaneamente por diversos segredos (significantes – signos e códigos), aos diferentes mundos segundo a leitura dos outros homens (significado – decodificação).

4. Considerações “Finais”: em busca do terceiro espaço

Com estas acepções, chegamos ao desfecho, que busca ser um não-desfecho, um *vir-a-ser* em processo de libertação da *Matrix*. O último par: *o renascimento-apreensão do sentido do “real”*, que nós e *Neo* desvendamos através do enfrentamento consigo mesmo, com sua dupla condição humana. Entre sua *práxis espacial fetichizada* e sua *práxis espacial revolucionária da humanidade*. O embate que é travado entre *Neo e Smith*, onde *Neo* “morre” e renasce descobrindo o “concreto real”, vendo o mundo tal como ele é; criptografado, contendo-contido em todo o espaço-mundo-do-homem, uma “relação entre o que existe e sua existência” (LÉVINAS, *op. cit.*, p. 23). Enxerga enfim o mundo tal como ele é, “em *Matrix*”; um composto homem-espaço produzido pelo próprio homem.

É chegado o ápice deste ensaio, o *ser da Matrix* desvendado, as *três expressões espaciais da pseudoconcreticidade* (o físico, o social e o mental) explicitadas através do vivido-concebido. Mas quando será a revelação do *terceiro espaço*? Quando a *práxis espacial revolucionária da humanidade* será posta realmente como *práxis* e não como discurso?

O concreto caótico Espaço do-para Capital foi revelado, sua abstração teórica, o *espaço relacional*, foi proposta, falta a reconstrução do mundo-do-homem! “Nosso mundo físico e social pode ser e tem de ser feito, refeito, e, se der errado, refeito de novo” (HARVEY, 2006, p. 366), pois somos todos “arquitetos” do *Sistema Matrix*. Sejamos então “arquitetos rebeldes”, reconstruindo sujeito e objeto, seres-humanos, espaço e paisagens, através de um espaço ontológico totalmente humano e de uma *auto-paisagem* sem “Agentes” auto-reguladores em nosso *espaço concebido*. Sejamos “arquitetos” para mulheres e homens, e não para um *Espaço “Deserto” do Real* que nós mesmos aprisionamo-nos.

Propomos assim, quem sabe, um verdadeiro começo, para a revelação do *terceiro mundo*. Em que cada um de nós possa ser o seu próprio *Neo*, esse *neo-homem* (novo-homem) e possa escolher entender o Real, este Real que é sua condição de existência espacial, o *ser da Matrix*. Temos então a proposta de que “o sujeito construído, depois (re)construído, defronta-se agora com o objeto construído, a seguir (re)construído” (SILVA, 1992, p. 111). Trocando em miúdos, sujeito e objeto são reconstruídos para uma acepção de *totalidade*, onde o todo é a parte e a parte é o todo.

Busquemos renascer para libertar-nos da *Matrix*. Libertar-nos das *dicotomias espaço-homem, essência-aparência, absoluto-relativo*. Assim como nós conseguimos, através da *escolha da nossa-pílula-vermelha*, a Geografia, que todos os escravizados a esse processo ontocriativo homem-espaço possam se libertar e contemplarem suas existências em plenitude. Partindo do espaço relacional como ruptura para um Ontológico, em prol do *ser-do-homem* e não do *ser-da-Matrix*!

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, (s.d.).
- ANDERSON, James. **Ideologia em Geografia: uma introdução**. Em seleção de textos da AGB, São Paulo, n. 3, p. 39-56, 1977.
- BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural In: **Paisagem, Tempo e Cultura**. (Org.) CORRÊA *et al.* Rio de Janeiro, EdUERJ, pp.84-91, 1998.
- COSGROVE, Denis E. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- COSGROVE, Denis. & JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: **Geografia Cultural: Um século(2)**. (Orgs.) CORRÊA *et al.* Rio de Janeiro, EdUERJ, pp. 15-32, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Lisboa: Portugália Editora, 1996.
- HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- _____. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992 (1989).
- _____. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2000.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- LEFEBVRE, Henri. **Vida Cotidiana do Mundo Moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- _____. **A Produção do Espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*, 4ª. Ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006.
- _____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Antivalor: Fonte Digital, 2007 (1932).
- LÉVINAS, Emmanuel. **Da existência ao existente**. Campinas: Papyrus, 1998.
- MOREIRA, Ruy. **O discurso do avesso: para a crítica da geografia que se ensina**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.
- _____. **Para onde vai o pensamento geográfico?: por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Contexto, 2006a.

- _____. O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In: Santos *et al.* **Território territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006b.
- _____. **Pensar e Ser em Geografia.** São Paulo: Contexto, 2007.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993 (1980).
- SANTOS, Milton. Alguns problemas atuais da contribuição marxista à Geografia. In: SANTOS, Milton (org.). **Novos rumos da Geografia brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1982.
- _____. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Edusp, 2004.
- _____. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Edusp, 2006a.
- _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2006b.
- _____. **O Espaço do Cidadão.** São Paulo: Studio Nobel, 2007.
- SILVA, Armando C. da. O Espaço como Ser: uma auto-avaliação crítica. In: MOREIRA, Ruy (org.). **Geografia: teoria e crítica (o saber posto em questão).** Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. **Geografia e lugar social.** São Paulo: Contexto, 1991.
- _____. **Sujeito e objeto e os problemas da análise.** Boletim Paulista de Geografia, n. 71, 1992.
- SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1993.
- SOUZA SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Edições Afrontamento, 2002.